



## Corpos-mulheres-violência em *Olhos d'água* de Conceição Evaristo

### *Bodies-women-violence in Olhos d'água by Conceição Evaristo*

Flávia Andrea Rodrigues Benfatti

Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Uberlândia, Minas Gerais / Brasil

flaviarbenfatti@gmail.com

<http://orcid.org/0000-0002-2176-3870>

**Resumo:** Este artigo reflete sobre corpos e subjetividades femininas negras roubadas pela violência e pelas desigualdades sociais. Trata-se da análise dos contos “Maria”, “Quantos filhos Natalina teve?”, “Beijo na face”, “Luamanda”, “Duzu-Querença” e “Os amores de Kimbá”, selecionados do livro *Olhos d'água* de Conceição Evaristo (2016) para este artigo. Esses contos desvelam, comumente, a violência contra corpos femininos negros e discriminações em contexto socioeconômico-cultural desfavorecido pelo sistema-mundo-capitalista-hegemônico-branco. Para esta análise, apresento o texto literário (os contos) como proposta para examinar as colonialidades de gênero e poder bem como para decolonizar saberes pré-concebidos imbuídos de racismos, sexismos e preconceitos de classe. Desse modo, abrem-se caminhos para repensarmos sobre as formas de existir desiguais em termos de direitos e contribuirmos para mudanças nesse cenário de desvalorização e desumanização dos corpos e subjetividades femininas negras.

**Palavras-chave:** corpos; subjetividades; mulheres negras; violência; decolonizar.

**Abstract:** This article reflects on black female bodies and subjectivities stolen by violence and social inequalities. It is about the analysis of the following selected short stories “Maria”, “Quantos filhos Natalina teve?”, “Beijo na face”, “Luamanda”, “Duzu-Querença” e “Os amores de Kimbá” from the book *Olhos d'água* by Conceição Evaristo (2016). Such stories are commonly about violence against black female bodies and discriminations in socio-economic-cultural contexts disadvantaged by the white-hegemonic capitalist-world-system. To this analysis, I present the literary text (the short stories) as a proposal to examine coloniality of gender and of power as well as to decolonize pre-conceived knowledge imbued with racism, sexism and class prejudice. In this way, paths are opened for us to rethink the unequal ways of existing in terms of rights and contribute to changes in this scenario of devaluation and dehumanization of black female bodies and subjectivities.

**Keywords:** bodies; subjectivities; black women; violence; decolonize.

Negra  
Mulher  
nega a cozinha  
Negra de valor  
nega ser mula(ta)  
Negra valor  
nega ser sozinha  
Negra valor  
nega a companhia  
daquele sem valor  
Negra, Mulher  
Mulher, Negra  
não nega o seu valor  
nega a hipocrisia  
daqueles que fingem ainda...  
que te dão valor.

(Luana Passos)

Desde o início do processo de colonização das Américas (1492), quando o conceito de “raça” foi concebida pelos colonizadores para impor, a partir de então, quem era superior ou inferior no sistema de hierarquização de poder criado por eles (homens brancos héteros eurocristãos), a caracterização da discriminação em função da cor da pele se fez presente. Tal hierarquização colocou as pessoas negras em patamares inferiores na escala social, e a mulher negra, considerada o “outro” do homem negro, em situação mais rebaixada ainda, aquela que nunca pôde falar ou ser ouvida, apenas obedecer e servir. Nesse sentido, homens e mulheres negras foram inicialmente escravizados para, mais tarde, continuarem em processo de escravização pelo sistema capitalista hegemônico branco.

Grandes avanços têm acontecido nos âmbitos social, político e cultural, mas ainda longe do ideal. Sendo o Brasil um país onde a maioria da população é negra, torna-se mais deplorável se pensar em racismo e preconceitos em meio à miscigenação de nosso povo. No entanto, a literatura brasileira contemporânea nos brinda com uma série de escritas femininas negras, aos poucos, saindo do anonimato e vindo parar nas livrarias do país, em sites e blogs. Essa literatura negra contemporânea vem nos ensinar (após séculos sem muitos de nós conseguirmos entender) o quão sofrida é a vida das mulheres pretas em um território que se recusa a enxergá-las

além do trabalho doméstico, considerando que a maioria dessas mulheres ainda pertence às classes baixas. Lugones, ao tratar da interseccionalidade entre gênero e raça, afirma que:

A interseccionalidade revela o que não é visto quando categorias como gênero e raça são conceituadas como separadas uma da outra. O movimento de intersecção das categorias foi motivado pelas dificuldades em tornar visíveis aqueles que são dominados e vitimizados em termos de ambas as categorias. Embora todos na modernidade capitalista eurocêntrica sejam racializados e generificados, nem todos são dominados ou vitimizados em termos deles (Lugones, 2008, p. 4, tradução minha)<sup>1</sup>.

A teórica alerta para a importância da interseccionalidade entre gênero e raça para reconhecermos que a mulher negra é ainda mais marginalizada já que essa intersecção nos permite vê-la vitimizada em duas categorias: pelo gênero e pela raça. Ademais, quando cruzamos gênero, raça e classe, a situação se agrava, havendo, portanto, três formas de discriminação e preconceito. Corroborando essa ideia discriminatória, bell hooks (2019) relata que:

como grupo, as mulheres negras estão numa posição peculiar na sociedade, não apenas porque, em termos coletivos, estamos na base da pirâmide ocupacional, mas também porque o nosso status social é inferior ao de qualquer outro grupo. Isso significa que carregamos o fardo da opressão sexista, racista e de classe (hooks, 2019, p. 45).

Nos contos de Conceição Evaristo (2016) do livro *Olhos d'água*, a escritora trata da opressão sexista, racista e de classe, mostrando, por meio de sua escrevivência, as duras vidas de mulheres negras, abrindo espaço para se pensar, a partir dessas vidas, em formas de decolonização das arbitrariedades vivenciadas pelas mulheres retratadas na ficção, já que essas personagens projetam a realidade. Com uma linguagem poética, criando neologismos,

---

<sup>1</sup> No original: “Intersectionality reveals what is not seen when categories such as gender and race are conceptualized as separate from each other. The move to intersect the categories has been motivated by the difficulties in making visible those who are dominated and victimized in terms of both categories. Though everyone in capitalist Eurocentered modernity is both raced and gendered, not everyone is dominated or victimized in terms of them.”

Evaristo nos brinda com sua escrita, ao mesmo tempo, suave e forte, ao tratar do sofrimento das mulheres negras moradoras da favela, enchendo de lágrimas os olhos do leitor que se mostra empático pelos sentimentos de dor, medo, tristeza, desafetos e violência sofridos pelas personagens.

Quando pensamos em corpos e subjetividades femininas negras, é preciso refletir sobre os dilemas vividos pelas mulheres negras e pobres no Brasil. Conceição Evaristo, em seus contos, traz toda a problemática dessas mulheres socialmente marginalizadas, mas também mostra formas de resistir a toda a opressão sofrida por elas, nas entrelinhas de sua escrevivência. É por esse caminho enveredado por Evaristo que sua obra nos ensina e nos aponta caminhos para decolonizar preconceitos que a hegemonia branca fez erigir há mais de cinco séculos. Decolonizar é restituir o que foi destituído das pessoas negras, trazendo-as de volta ao seu lugar de pertencimento a partir do respeito aos seus modos de vida, costumes e cultura, sejam quais forem.

A violência verbal, física e o estupro são marcadores comuns nos contos de *Olhos d'água*. Vejamos exemplos em alguns deles. Abaixo, cito excertos de quatro contos para serem analisados posteriormente. São eles: “Maria”, “Quantos filhos Natalina teve?”, “Beijo na face” e “Luamanda”.

No conto “Maria” há um assalto dentro do ônibus em que a protagonista está, de volta do trabalho para casa. Maria percebe que um dos assaltantes é o pai de seu filho mais velho, homem que ela ainda amava. Ele senta-se ao seu lado e segreda um abraço e um beijo para o filho. Após o assalto, ele e o comparsa descem do ônibus; no entanto, as pessoas percebem que ela fora a única a não ser assaltada, mas nem ela mesma sabe o porquê. Não conhecia assaltante algum, apenas o pai de seu filho. No entanto, fora rechaçada, humilhada ao ouvir uma voz:

*Negra safada, vai ver que estava de coleio com os dois. Outra voz vinda lá do fundo do ônibus acrescentou: Calma, gente! Se ela estivesse junto com eles, teria descido também. Alguém argumentou que ela não tinha descido só para disfarçar. Estava mesmo com os ladrões. Foi a única a não ser assaltada. [...] A primeira voz, a que acordou a coragem de todos, tornou-se um grito: Aquela puta, aquela negra safada estava com os ladrões! O dono da voz levantou e se encaminhou em direção à Maria. A mulher teve medo e raiva. Que merda! Não conhecia assaltante algum. Não devia satisfação a ninguém. Olha só, a negra ainda é atrevida, disse o homem, lascando*

um tapa no rosto da mulher. Alguém gritou: *Lincha! Lincha! Lincha!* (Evaristo, 2016 p. 42).

Em “Quantos filhos Natalina teve?”, a protagonista Natalina, um dia, está sossegada em seu barraco, quando chegam uns homens a procura de seu irmão (que ela nunca teve). Os homens dominaram-na com força, vedaram seus olhos, amarraram suas pernas e a colocaram em um carro. Eram dois homens, “de vez em quando, o que estava sentado no banco de trás com ela, fazia-lhe um carinho nas pernas” (Evaristo, 2016, p. 49). Em dado momento esse homem desce do carro e a deixa sozinha com o motorista, que a puxa violentamente e a joga no chão. Ao desamarrá-la, pede que ela faça carinho no seu pênis e assim se deu:

Entre ódio e pavor, obedecia a tudo. Na hora, quase na hora do gozo, o homem arrancou a venda dos olhos dela. Ela tremia, seu corpo, sua cabeça estavam como se fossem arrebentar de dor. A noite escura não permitia que divisasse o rosto do homem. Ele gozou feito cavalo endurecido em cima dela (Evaristo, 2016, p. 49-50).

No conto “Beijo na face”, a voz que narra traz a vida de uma mulher, Salinda, que vive um amor às escondidas e, ao mesmo tempo, uma prisão domiciliar. A personagem é casada, no entanto, seu marido torna-se outro homem ao longo do casamento, ora chegando em casa sereno, ora agressivo. A mulher quer separar-se, mas não tem coragem já que seu marido a mantém em uma espécie de cárcere privado, só podendo ir com as crianças visitar uma tia em outra cidade, lugar em que se encontra com o amante. O marido, um belo dia, desconfia da esposa com um colega de trabalho e, desse momento em diante, sua vida torna-se um inferno, ele passando a vigiá-la o tempo todo e a ameaçá-la:

Aos poucos as ameaças feitas pelo marido, as mais diversificadas e cruéis, foram surgindo. Tomar as crianças, matá-la ou suicidar-se deixando uma carta culpando-a. Salinda, por isso, vinha há anos adiando um rompimento definitivo com ele. Tinha medo, sentia-se acuada, embora às vezes pensasse que ele nunca faria nada, caso ela o deixasse de vez. Aprendera, desde então, certas artimanhas, sondava terreno, procurava saídas. Aos poucos foi se fortalecendo, criando defesas, garantindo pelo menos o seu espaço íntimo (Evaristo, 2016, p. 53).

Em “Luamanda”, a protagonista narrada se lembra de seus amores passados e seus prazeres, no entanto, vem à memória também uma cena de um parceiro que a violentou:

Se havia o amor na vida de Luamanda, também um grande fardo de dor compunha as lembranças de seu caminho. A vagina ensanguentada, perfurada, violada por um fino espeto, arma covarde de um desesperado homem, que não soubera entender a solidão da hora da partida. E durante meses, o sangue menstrual de Luamanda, sangue de mulher que nasce naturalmente de seu útero-alma vinha misturar-se ao sangue e pus, dádivas dolorosas que ela ganhara de um estranho fim amoroso. E pior do que a dor foi a dormência de que foi atacada, em sua parte tão viva, durante meses a fio (Evaristo, 2016, p. 62).

Nos excertos dos contos supracitados, percebe-se o embate de personagens-mulheres negras que travam uma luta diária com seus temores, sofrimentos e opressões. A cada sentença narrada sofremos junto a elas. Na mesma direção em que Evaristo toca o leitor com sentimento de empatia para com essas personagens, é possível entrever em seu discurso crítico o que Segato (2016) chama de “pedagogia patriarcal” carregada de racismo, misoginia e classismo. Para a autora:

A obediência ao domínio masculino, a subserviência ao *mandato masculino*, é assim, tanto para homens como para mulheres, a primeira pedagogia do poder. Esta formação hierárquica, marcada por sua letalidade como o valor supremo, é análoga à ordem das gangues. A violência de gênero é expressiva e não instrumental: o poder é exposto, ou seja, exibido e consolidado, como potência viril de uma forma brutal (Segato, 2016, p. 199, tradução minha)<sup>2</sup>.

Segato usa a expressão “mandato masculino”, expressando bem o que ela chama de “pedagogia do poder”. Essa hierarquização de gênero coloca a mulher negra em situação extremamente vulnerável. Observando os excertos supracitados, encontramos Maria, sendo atacada verbal e

---

<sup>2</sup> No original: “Obedience to masculine rule, subservience to the *masculine mandate*, is thus, for both men and women, the first pedagogy of power. This hierarchical formation, marked by its lethality as the supreme value, is analogous to the order of gangs. The violence of gender is expressive and not instrumental: power is expressed, that is, exhibited and consolidated, as virile potency in a brutal form.”

fisicamente por um homem dentro do ônibus, apenas por ser mulher, negra e de baixa classe social; Natalina, estuprada por um homem que nem o rosto podia ver na escuridão; Salinda, prisioneira de um marido machista e persecutório; e Luamanda, estuprada por um homem que não admitia o fim do relacionamento. Portanto, a violência de gênero, raça e classe é uma questão séria e repetidamente vivenciada por mulheres negras. A ficção de Evaristo pode ser lida como forma de denúncia da realidade de milhares de mulheres negras Brasil afora. A escritora mostra essas mulheres em situação de infelicidade dentro desse mandato masculino teorizado por Segato e, o espaço no qual elas estão situadas, a favela, corrobora ainda mais sua vulnerabilidade às violências.

Devido ao processo de colonização e à escravidão, o corpo da mulher negra foi usurpado como um corpo de posse de homens brancos e negros, um corpo colonizado pelo poder de uma masculinidade à qual historicamente foi dado esse direito. Além disso, em cima desse corpo colonizado e do sujeito que o habita, bell hooks (2020, p. 261) acrescenta que uma mitologia sexista estadunidense (ela cita a nação americana, mas esse mito serve também para o Brasil) criou um estereótipo negativo o qual considera as mulheres negras “sexualmente imorais, promíscuas e devassas”. Com tudo isso, à mulher negra tem restado uma árdua luta contra esse clichê e pela liberdade de serem donas de seus corpos e subjetividades.

Maria, Natalina, Salinda, Luamanda, personagens mulheres vitimadas por um patriarcado que não reconhece sua humanidade. É como se seus corpos e suas subjetividades estivessem sempre à disposição do homem patriarcal, seja ele branco ou negro (já que o homem hétero negro, em sua maioria, tende a imitar o poder masculino sócio-historicamente conferido ao macho branco pois ele também se insere na categoria macho). Por outro lado, muitas mulheres brancas se mostram patriarcais quando em situação de defesa da “raça” branca. Ou seja, as mulheres negras se encontram isoladas, mas não menos empoderadas para a luta. A própria escrita de Evaristo, como mulher negra, mostra a coragem e a força para resistir a um sistema discriminatório nocivo arraigado na cultura das Américas. Sua escrita busca decolonizar saberes pré-estabelecidos e preconceituosos com relação às vidas das mulheres negras, encarnadas em suas personagens.

Juntamente com as violências observadas nos excertos dos contos acima citados, refletamos também sobre questões socioeconômicas tratadas

por Evaristo cujas consequências são desumanizadoras, principalmente para as mulheres negras moradoras da favela. Cito extratos dos próximos contos “Duzu-Querença”, “Maria” e “Os Amores de Kimbá” para, em seguida, comentá-los.

Em “Duzu-Querença”, a personagem Duzu, tendo passado por experiências como doméstica (era ainda uma menina) em uma casa enorme, descobre, mais tarde, que se trata de uma casa de prostituição, tornando-se ela própria prostituta:

Duzu ficou na casa da tal senhora durante muitos anos. Era uma casa grande de muitos quartos. Nos quartos, moravam mulheres que Duzu achava bonitas. Gostava de ficar olhando para os rostos delas. Elas passavam muitas coisas no rosto e na boca. Ficavam mais bonitas ainda. Duzu trabalhava muito. Ajudava na lavagem e na passagem da roupa. Era ela também quem fazia a limpeza dos quartos (Evaristo, 2016, p. 32).

Duzu, então, começa a se interessar pelo que acontecia nos quartos, quando entrava sem bater, por curiosidade. Via “homens mexendo em cima das mulheres” (Evaristo, 2016, p. 33), até que um dia

[...] o homem chamou por ela. Vagarosamente ela foi se aproximando. Ele em cima da mulher, com uma das mãos fazia carinho no rosto e nos seios da menina. Duzu tinha gosto e medo. Era estranho, mas era bom. Ganhou muito dinheiro depois (Evaristo, 2016, p. 33).

No conto “Maria”, a personagem trabalha de doméstica em uma casa, vivendo uma vida de escassez, com dificuldade para sustentar os três filhos:

Maria estava parada há mais de meia hora no ponto do ônibus. Estava cansada de esperar. Se a distância fosse menor, teria ido a pé. Era preciso mesmo ir se acostumando com a caminhada. O preço da passagem estava aumentando tanto! Além do cansaço, a sacola estava pesada. No dia anterior, no domingo, havia tido festa na casa da patroa. Ela levava para casa os restos. O osso do pernil e as frutas que tinham enfeitado a mesa. Ganhara as frutas e uma gorjeta. O osso, a patroa ia jogar fora. Estava feliz, apesar do cansaço. A gorjeta chegara em boa hora. Os dois filhos menores estavam muito gripados. Precisava comprar xarope e aquele remedinho de desentupir nariz. Daria para comprar também uma lata de Toddy (Evaristo, 2016, p. 40).

Em “Os amores de Kimbá”, Kimbá, personagem masculino, trabalha em um supermercado no morro, porém detesta a miséria de onde vive. Possui amigos na cidade em que lhe fizeram proposta de deixar o morro, o supermercado e ir morar com eles. Kimbá apenas acha a ideia tentadora. Segundo o/a narrador/a, Kimbá pensa na situação da mãe, das tias e avó com suas rezas, cujos destinos não mudam:

Estava cansado do dia a dia no supermercado e da noite a noite com Beth e o amigo. Não aguentava mais. Ou era o amigo, ou era Beth [referência à relação sexual que os três tiveram pela primeira vez]. Eles lhe dariam tudo, caso ele quisesse. Tanto um como o outro lhe haviam feito a proposta, para que ele deixasse de trabalhar e fosse morar em casas deles. Era tentador. Deixar a favela. Deixar a miséria. Deixar a família. As rezas de vó Lidumira lhe irritavam profundamente. A velha rezava por tudo e por nada. E ele não via milagre algum. Não via nada de bom acontecer com ela e com a família. A avó nascera de mãe e de pai que foram escravizados. Ela já era filha do “Ventre Livre”, entretanto vivera a maior parte de sua vida entregue aos trabalhos em uma fazenda. A mãe e as tias passaram a vida se gastando nos tanques e nas cozinhas das madames. As irmãs iam por esses mesmos caminhos. E ele, ele mesmo, estava ali, naquele esfrega-esfrega de chão de supermercado (Evaristo, 2016, p. 92).

Os contos “Duzu-Querença”, “Maria” e “Os amores de Kimbá” tratam da vida indigna que, infelizmente, resta à mulher negra e pobre na sociedade brasileira. As mulheres descritas são ou foram trabalhadoras domésticas, que é a profissão que lhes coube desde a abolição da escravatura (a partir de 1888) – continuar a servir ao homem e mulher brancos, uma escravidão aos moldes modernos, já que são preteridas em outros empregos quando competem com eles. Beatriz Nascimento (2019) afirma que:

A mulher negra, na sua luta diária durante e após a escravidão no Brasil, foi contemplada como mão de obra na maioria das vezes não qualificada. Num país em que somente nas últimas décadas do século XX, o trabalho passou a ter o significado dignificante – o que não acontecia antes, devido ao estigma da escravatura – reproduz-se na mulher negra “um destino histórico”. É ela quem desempenha, majoritariamente, os serviços domésticos, os serviços em empresas públicas e privadas recompensadas por baixíssimas remunerações.

São de fato empregos cujas relações de trabalho evocam a mesma dinâmica da escravocracia (Nascimento, 2019, p. 266).

Nascimento expressa o que presenciamos na sociedade brasileira – os subempregos os quais estão relegados à mulher negra. Evaristo mostra o destino fatalístico dessas mulheres nos contos supracitados como resquícios de uma colonialidade de poder que insiste em negar a capacidade intelectual e, mais seriamente, a existência dessas mulheres negras. O lugar que lhes cabe não é, entretanto, esse lugar de servidora da branquitude, pelo contrário, é o mesmo lugar de direito dos/as brancos/as. Esse outro lugar ou não lugar apresentado nos contos por Evaristo é o ponto-chave para se pensar na decolonização também dos espaços subalternizados (a casa de família branca, por exemplo) que foram impostos às mulheres negras.

Por outro lado, as mulheres pretas nos contos de Evaristo resistem enquanto personagens, continuam a luta mesmo em situações bem precárias, vão até o fim em uma batalha travada contra os infortúnios, as opressões e seus dilemas pessoais. Ademais, a própria escrita de Evaristo corrobora uma tomada de consciência das mazelas e da herança escravocrata como uma forma de decolonizar essa perspectiva de inferiorização na qual o legado patriarcal e discriminatório das sociedades capitalistas heterocentradas colocou a mulher, ainda de forma mais drástica, a mulher negra.

Lugones ensina como o feminismo decolonial pode ajudar a superar a colonialidade de gênero:

O feminismo não fornece apenas um relato da opressão da mulher. Ele vai além da opressão, fornecendo materiais que permitem às mulheres compreender sua situação sem sucumbir a ela. Aqui começo a proporcionar uma forma de entender a opressão das mulheres que foram subalternizadas através dos processos combinados de racialização, colonização, exploração capitalista e heterossexualismo. Minha intenção é focar no subjetivo-intersubjetivo para revelar que a opressão desagregadora desagrega as fontes subjetivas-intersubjetivas da agência de mulheres colonizadas. Eu chamo a análise da opressão racial, capitalista e de gênero de “colonialidade de gênero”. Chamo a possibilidade de superar a colonialidade de gênero de “feminismo descolonial” (Lugones, 2010, p. 747, tradução minha)<sup>3</sup>.

---

<sup>3</sup> No original: “[...] feminism does not just provide an account of the oppression of women. It goes beyond oppression by providing materials that enable women to understand their

Essa explicação de Lugones quanto à colonialidade do gênero e ao papel do feminismo decolonial como opção para dismantlar esse sistema capitalista, heteropatriarcal, opressor das mulheres coaduna muito bem com a escrita de Evaristo em *Olhos d'água*. Por meio dos excertos acima, observando a situação das personagens femininas bem como o próprio fazer literário de Evaristo, temos como avaliação a urgente necessidade de nos posicionarmos, enquanto mulheres e enquanto membros de uma sociedade que oprime a todas nós, contra esse sistema patriarcal capitalista racializado a fim de superarmos a colonialidade de gênero e contribuirmos para a decolonização das violências, opressões e discriminações de gênero. A literatura nos fornece subsídios para pensarmos decolonialmente na medida em que suscita reflexões acerca do ser mulher em sociedades colonizadas elevando as consciências de que o poder masculino é destrutivo para a sociedade como um todo. A partir daí, os movimentos e agências femininas começam então a emergir. Isso já vem acontecendo, mas ainda precisamos de forças e subsídios para não cairmos mais nas ciladas opressoras. Para as mulheres negras, de classes baixas, essas agências se tornam bem mais problemáticas. No entanto, elas estão na linha de frente nessa luta – conquistando cada vez mais seus espaços e lutando por direitos e por vidas mais dignas.

A literatura, portanto, sempre foi e é um dos possíveis meios para a libertação da colonização mental pela qual fomos submetidas/os ao longo da história da colonização das Américas. Reforçando que as mulheres negras têm muito mais a conquistar, por direito, espaços que lhes foram tirados. Seus corpos negros não são de uso e propriedade de uma masculinidade beligerante que quer garantir seu poderio, principalmente devido à vulnerabilidade dessas subjetividades negras. Assim, na busca por equidade de direitos, poderemos construir uma sociedade mais justa e menos machista e opressora.

---

situation without succumbing to it. Here I begin to provide a way of understanding the oppression of women who have been subalternized through the combined processes of racialization, colonization, capitalist exploitation, and heterosexualism. My intent is to focus on the subjective-intersubjective to reveal that disaggregating oppression disaggregates the subjective-intersubjective springs of colonized women's agency. I call the analysis of racialized, capitalist, gender oppression 'the coloniality of gender'. I call the possibility of overcoming the coloniality of gender 'decolonial feminism'".

## Referências

EVARISTO, C. *Olhos d'água*. Rio de Janeiro: Pallas, 2016.

hooks, b. *E eu não sou uma mulher?* Mulheres negras e feminismo. Tradução: Libanio Bhuvi. 3. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2020.

hooks, b. *Teoria feminista: da margem ao centro*. Tradução: Rainer Patriota. São Paulo: Perspectiva, 2019.

LUGONES, M. The Coloniality of Gender. *Worlds & Knowledges Otherwise*, Durham, v. 2, n. 2, p. 1-17, Spring 2008. Disponível em: [https://globalstudies.trinity.duke.edu/sites/globalstudies.trinity.duke.edu/files/documents/v2d2\\_Lugones.pdf](https://globalstudies.trinity.duke.edu/sites/globalstudies.trinity.duke.edu/files/documents/v2d2_Lugones.pdf). Acesso em: 22 fev. 2024.

LUGONES, M. Toward a Decolonial Feminism. *Hypatia*, v. 25, n. 4, p. 742-759, 2010. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/40928654>. Acesso em: 22 fev. 2024.

NASCIMENTO, B. A mulher negra e o amor. In: HOLLANDA, H. B. de (Org.). *Pensamento feminista brasileiro: formação e contexto*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019. p. 265-268.

SEGATO, R. L. Patriarchy from Margin to Center: Discipline, Territoriality, and Cruelty in the Apocalyptic Phase of Capital. *South Atlantic Quarterly*, v. 115, n. 3, p. 615-624, jul. 2016. DOI: <https://doi.org/10.1215/00382876-3608675>. Disponível em: <https://read.dukeupress.edu/south-atlantic-quarterly/article/115/3/615/3851/Patriarchy-from-Margin-to-Center-Discipline>. Acesso em: 22 fev. 2024.